

A economia nacional e a mundial

É claro que ninguém pode estar satisfeito com a evolução da economia nacional no ano passado. Observando-se, porém, o que aconteceu com outros países, pode-se evitar o excesso de pessimismo e acabrunhamento. Com efeito, não é o Brasil o único país que enfrenta graves problemas e cuja evolução econômica foi desfavorável em 1980. Ao estabelecer essa comparação, deve-se restringi-la aos países cujos dados estatísticos merecem, no momento, confiança, ou seja, aos países industrializados que compõem a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). A análise dos dados comparativos permite, pelo menos, verificar que o Brasil não é o único país que se vê a braços com problemas sérios, e mostra até que, em muitos setores, os resultados que obtém são melhores do que os alcançados pelos países industrializados.

A taxa de crescimento do Produto Interno Bruto ou Produto Nacional Bruto constitui, sem dúvida, o indicativo mais importante do esta-

do da economia de uma nação. No ano passado, o PIB nacional cresceu 8,5% (ou 7,8%, segundo a recente estimativa do IPEA), contra 6,4% do ano anterior. Ora, o crescimento do PIB nos países da OCDE foi de 1%, contra 3,3% em 1979. Talvez não se deva, no momento atual, considerar uma alta taxa de crescimento como sinal de boa saúde, e não há dúvida que a taxa de crescimento nacional é demasiado alta. Mas se nota, pelo menos, que os países industrializados foram compelidos, pelo "segundo choque" do petróleo, a reduzir drasticamente seu crescimento e a admitir, em consequência, o desemprego, que neles atingiu nível alarmante.

Não há dúvida que a ascensão da taxa de crescimento nacional foi acompanhada pela da taxa de inflação. O índice do custo de vida, na cidade do Rio de Janeiro, que era de 76,0% em 1979, passou para 86,3% no ano passado, tendo acusado aumento, em termos comparativos, de 13,6%. Mas a inflação também prosperou nos países da OCDE, com os

preços ao consumidor passando de 9,8% para 12,9%, o que corresponde a um aumento relativo de 31,6%.

O déficit da balança comercial brasileira, que foi de 2.828 milhões de dólares em 1980 e de 2.839,5 milhões em 1979, acusou ligeira redução. O déficit da balança comercial dos países da OCDE passou de 42 bilhões de dólares, em 1979, para 76 bilhões, em 1980. As exportações nacionais cresceram, no ano passado, 32,1%. Quanto às da OCDE, as que acusaram aumento maior foram as do Reino Unido (29%), graças ao petróleo, as do Japão (25,8%) e as dos Estados Unidos (22,4%), enquanto as de outros países tiveram aumento quase vegetativo (República Federal da Alemanha, 14,4%; França, 14,2%; Itália, 13,3%).

Convém notar que os países da OCDE conseguiram reduzir de 6,5% seu consumo de petróleo, ao passo que o Brasil só reduziu de 2,5% o seu. Por isto, vê-se que nosso país ainda precisa fazer muito no âmbito da política de substituição do petróleo.

Quanto ao déficit nas transações

correntes do balanço de pagamentos, o do Brasil chegou em 1980 a 12,1 bilhões de dólares, tendo-se verificado aumento de 21,5% em relação ao ano anterior. Já o déficit dos países da OCDE subiu de 35 para 73 bilhões de dólares, o que corresponde a um aumento de 108,6%.

Divulgando estes dados, não pretendemos arranjar consolo fácil para a situação da economia nacional. Os países industrializados não suportam peso tão grande quanto o Brasil, representado pela dívida externa. Além disso, mostraram-se capazes de arcar com os sacrifícios impostos pela transferência de renda dos países importadores de petróleo para os países exportadores. Conseguiram, também, seguir uma política de controle dos salários, destinada a impedir maiores prejuízos à sua economia. Deveríamos, porém, meditar sobre estes dados comparativos. Eles mostram, com efeito, que o Brasil, com alguns sacrifícios maiores, mas não desesperados, poderia livrar-se rapidamente das dificuldades em que ora se debate.